

ESPAÇOS IMAGINADOS: A GÊNESE DAS CIDADES EM OS RIOS TURVOS DE LUZILÁ GONÇALVES

Isis de Paula Oliveira de Albuquerque¹

RESUMO

Ao pensar os caminhos e possibilidades de leitura entre cidade e literatura, explorados por diferentes universos poéticos, busca-se analisar, a partir do romance *Os rios turvos* de Luzilá Gonçalves, as tradições urbanísticas nativas da paisagem pernambucana do século XVI que deram forma e lugar as atuais cidades e seus espaços geográficos não apenas físicos, mas também afetivos. Para tanto, faz-se necessário compreender a reconstrução descritiva de tais espaços captada, pela memória coletiva do imaginário simbólico, localizados na estrutura narrativa do romance em questão; bem como, observar as particularidades do processo edificante das forças civilizadoras das cidades e suas relações socioculturais primeiras. Da análise do corpus será apresentado o panorama histórico e imaginário da movimentação diaspórica presentes no primeiro momento do Brasil, mais especificamente da capitania de Pernambuco e arredores, que constitui o caráter “desenvolvimentista” da ideia de cidade e suas afinidades econômicas. Toma-se como aporte teórico discussões que se estendem desde a formação das novas sociedades americanas, a partir do século XVI com José Luis Romero (2009), passando pelo questionamento do “que é a cidade?” com Raquel Rolnik (1995), as concepções conceituais de Yi-Fu Tuan (1983) que permitem explanar espaço e lugar como ideias complexas, Gilberto Freyre (2000) e as características gerais da colonização; Lukács (2011), no que concerne ao romance histórico, até discussões que perpassam pela história da literária brasileira com Alfredo Bosi (1986), Afrânio Coutinho (2004), Antonio Candido (2000). Assim, será possível estabelecer a confluência de leituras frente às relações entre literatura, cidade e sociedade.

Palavras-chave: Literatura, Cidade, memória, Rios Turvos, Luzilá.

INTRODUÇÃO

Ao mergulhar no complexo símbolo que é a cidade, Ítalo Calvino (1990) nos apresenta uma das obras mais fascinantes da literatura mundial: *As cidades invisíveis*. Nela, Marco Polo descreve para Kublai Khan as aventuras de suas viagens por numerosas cidades e traça, com isso, reflexões sobre o fenômeno urbano social, no qual o conceito de cidade ultrapassa os limites, meramente, geográficos para se tornar experiências humanas, com as vivências dos espaços compartilhados dos lugares guardados.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE na área de Teoria Literária, a autora é bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, isisoalbuquerque@hotmail.com.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância de se pensar a cidade por um viés dinâmico de reconstrução do imaginário histórico social, de determinados espaços, a partir da escrita literária, já que *Na cidade-escrita* de Raquel Rolnik e seus questionamentos acerca do objeto Cidade, “habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte.” (ROLNIK, 1995, p. 17). Ou seja, estudar a ideia de cidade, sobretudo nos primórdios, por meio de recortes memorialísticos que permeiam a escrita literária e que retratam os costumes e estilos de vida dos primeiros núcleos de civilização da sociedade brasileira, muitas vezes, tão presentes até hoje.

Com isso, penando o recorte histórico temporal específico dos períodos da colonização da América, toma-se como ponto de partida as ideias defendidas pelo historiador José Luis Romero (2009) de que as transformações econômicas estão associadas ao espaço e interferem diretamente nas mudanças de estilos de vida das sociedades. Em seu livro *América Latina: as idéias e as cidades*, o autor traça um panorama das construções ideológicas das cidades, muitas vezes, ancorado em fontes escritas, como por exemplo, as crônicas de viagens, romances. Assim, este trabalho tem por objetivo geral analisar como pano de fundo as particularidades das tradições urbanísticas nativas da paisagem pernambucana com base no romance *Os rios turvos* [1993] de Luzilá Gonçalves.

Narrado em terceira pessoa, esta obra de Luzilá caminha nas trilhas do romance histórico ao propor uma espécie de reconstrução da sociedade brasileira do final do século XVI, tendo como base central a biografia romanceada de Bento Teixeira, cristão-novo, e Filipa Raposa, cristã-velha, nos tempos da mão pesada inquisitória da igreja. Para além dos conflitos narrados ao logo da obra e as inúmeras intertextualidades tanto com a própria *Prosopopéia* [1601] de Bento quanto com clássicos da literatura, como por exemplo, Ovídio, *Camões*, o romance também apresenta uma ampla mapeação do caráter estrutural da formação social brasileira dos primeiros séculos. A obra traz ilustrações que dão visão geográfica física e politicamente a qualquer leitor, seja pelas descrições da paisagem local seja pelos costumes e organização dos grupos e comunidades habitantes daquela época de suma importância para se compreender as fundações das cidades no imaginário social presentes até hoje.

De modo geral, esta pesquisa objetiva, especificamente, compreender, nas entrelinhas da narrativa, a reconstrução descritiva da dimensão dos espaços no romance em questão, bem como observar as características do processo edificante das forças civilizadoras das primeiras formas de “cidades” no Brasil. Para tanto, o trajeto percorrido entre quatro espaços de vivências rememorados pelas personagens principais faz-se pertinente dentro do nosso processo metodológico. Em maior evidência, tais espaços correspondem, hoje, às cidades de Olinda, Igarassu, Itamaracá e Cabo de Santo Agostinho. Logo, por meio do entendimento da cidade como símbolo de uma nova ordem social, ainda que em formação, podemos compreender melhor as relações de poder e edificação das estruturas sociais que balizaram e balizam o imaginário da movimentação coletiva até os dias atuais.

METODOLOGIA

Antes de tudo, é importante pontuar que este trabalho é de caráter analítico qualitativo e que teve o exercício da dialética em seus procedimentos investigativo. Por isso, faz-se necessário compreender a reconstrução descritiva de tais espaços captada, pela memória coletiva do imaginário simbólico, localizados na estrutura narrativa do romance em questão; bem como, observar as particularidades do processo edificante das forças civilizadoras das cidades e suas relações socioculturais primeiras.

Para uma melhor dinamicidade de análise do corpus, o trabalho está esquematizado em quatro eixos principais de discussão: a memória afetiva dos espaços; a reconstrução descritiva das paisagens locais; a relação do espaços com a formação cristalizada do caráter social e o espaço da cidade como ambiente para o hábito da criação literária. Tais discussões convergem para a apreensão da literatura como mapeamento cognitivo de processos sócio espaciais, que elevam a temática da cidade para contextos que ultrapassam os limites concretos de seu conceito.

Da análise do corpus será apresentado o panorama histórico e imaginário da movimentação diaspórica presentes no primeiro momento do Brasil, mais especificamente da capitania de Pernambuco e arredores, que constitui o caráter “desenvolvimentista” da ideia de cidade e suas afinidades econômicas. No trajeto percorrido por quatro vilas – vivenciadas e rememoradas pelas personagens principais –

Olinda, Igarassu, Itamaracá e Cabo de Santo Agostinho funcionam como pano de fundo que abordam profundas reflexões acerca das dimensões de dominação e expansão territoriais do período da colonização na América Latina marcado por inúmeras violências, simbólicas ou físicas.

De modo geral, esta pesquisa compreende, nas entrelinhas da narrativa, a reconstrução descritiva da dimensão dos espaços no romance em questão, pelo veio da imaginação, pelo caráter figurativo da recriação presentes no universo ficcional literário; bem como, observa nas características do processo edificante das forças civilizadoras das primeiras formas de cidades no Brasil aspectos ideológicos marcados por tensões da vida cotidiana e singularidades dos habitantes daquela época.

REFERENCIAL TEÓRICO

Toma-se como aporte teórico, para tais discussões, autores de diferentes áreas e pensamentos críticos, afim de possibilitar uma maior proficiência da análise do corpus. No que tange aos pressupostos ligados à ideia de espaço e lugar, apura-se reflexões que vão desde o pensamento do filósofo Gaston Bachelard (1978) sobre as relações entre poesia e arte com o espaço e toda a tensão por ele trabalhada acerca das questões fenomenológicas em seu livro *A poética dos espaços* até os apontamentos de Yi-Fu Tuan (1983) sobre suas concepções conceituais de espaço e lugar, que permitem explanar a complexa relação que divide a linha tênue entre tais conceitos.

No que se refere aos estudos sobre cidade, destaca-se discussões que se estendem desde a formação das novas sociedades americanas, a partir do século XVI com autores como José Luis Romero (2009), que aponta traços decisivos do processo de colonização da América Latina, até os questionamentos acerca do “que é a cidade?” de Raquel Rolnik (1995) diante da importância de se pensar a cidade por um viés dinâmico de reconstrução do imaginário histórico social, de determinados espaços, a partir da escrita literária nas cidades-escritas; bem como leituras que endossaram esta pesquisa tocante às relações interpretativas do Brasil no período da colonização, como por exemplo, *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (2000) ou algumas crônicas selecionadas em *A paisagem*

pernambucana [1993] organizadas por Mário Souto maior e Leonardo Dantas Silva. Lukács (2011).

Ademais, no que concerne ao romance histórico, até discussões que perpassam pela história da literatura brasileira com Alfredo Bosi (1986), Afrânio Coutinho (2004), Antonio Candido (2000). Assim, será possível estabelecer a confluência de leituras frente às relações entre literatura, cidade e sociedade. Portanto, por meio do entendimento da cidade como símbolo de uma nova ordem social, ainda que em formação, podemos compreender melhor as relações de poder e edificação das estruturas sociais que balizaram e balizam o imaginário da movimentação coletiva até os dias atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance “Os rios turvos” [1993] de Luzilá é marcado por uma dimensão espacial que nos permite reviver imagens do primeiro século da formação social brasileira. Isso porque, nele, podemos ver nitidamente os arranjos de cores e costumes de um sistema organizacional que edificou as primeiras cidades pernambucanas. Nomes como os de Jorge e Duarte de Albuquerque, filhos, do primeiro donatário da Capitania de Pernambuco – Duarte Coelho – viram personagens e se fundem em partes de descrições que narram a biografia de Bento Teixeira e Filipa Raposa num desmembrar de tramas e enredo que traz à tona as imagens de vilas do século XVI, ainda em seus momentos germinais, que mais tarde se tornarão cidades. Cidades estas marcadas por vários tipos de violência no decurso de suas fundações.

A narrativa começa com a descrição do espaço em movimento, no qual a personagem Filipa Raposa – ao caminhar pelas ruas da, então, Vila de Olinda com destino ao convento de São Bento para entregar o marido à Inquisição – deixa escapar os “fios de pensamentos” tomados pelo espaço que a cerca. Nesse momento, a narração traça o percurso do caminho feito por Felipa e o fluxo de consciência da personagem vem à tona para estender sobre os olhos do leitor, para além da sensibilidade pulsante de uma cena extremamente emotiva, o desenho da paisagem pernambucana, inclusive, marcada por símbolos que até hoje pertencem ao imaginário da cidade como, por exemplo, a imagem dos coqueiros, o verde, as pedras de cantareira:

Deteve-se um instante, suspirou longamente, liberta. Olhou então o céu de Olinda. A transparência do ar, que recortava as coisas na paisagem, a envolveu. Os coqueiros com suas palmas e seus enormes frutos brilhantes no alto, o verde intenso das mangueiras e até a nitidez das pedras de Cantareira sob os pés, tudo lhe falava aos sentidos, cúmplices do excesso de existência que trazia em si, que sufocara diante do visitador e que continuava ali fora, intenso e belo. (FERREIRA, 1993, p. 14)

Nitidamente, tem-se aí o recorte do que se conhece como *cor local* em que as segmentações descritivas apontam para uma apresentação pitoresca do espaço, não apenas pormenorizada de traços característicos da Vila de Olinda fisicamente, mas também dos estímulos sensoriais causados pela paisagem que se revela. Essa relação íntima do espaço com a personagem e, por conseguinte, com toda a obra em si está presente também nas páginas seguintes. É pelo caráter significativo da memória na narrativa, com o momento exato em que Felipa ao se questionar sobre o ato de entregue o próprio marido à Inquisição, que ela revive com nitidez os lugares por onde eles passaram:

Então lhe vieram à memória os primeiros tempos do encontro deles, da vida deles, enquanto descia a rua de São Bento, e o vulto do mosteiro, com sua torre recortando o céu de Olinda, lhe tirava, por um tempo, a visão do mar. E revia os lugares que haviam sido a paisagem de suas existências, Espírito Santo, Igarassu, que tinha presenciado as metamorfoses várias pelas quais haviam passado, eles e o amor. (FERREIRA, 1993, p. 15)

A relação de afeto com os espaços que se tornam lugar fica, cada vez mais, nítida ao longo da narrativa. Nessa passagem citada, o Mosteiro torna-se uma espécie de personagem que com o seu “vulto” ao passo que encobre a vista do mar “desencobre” lugares revisitados pela memória da personagem, dando, assim, sentido a própria existência deles. Pela via do texto memorialístico a poética do espaço se constrói por meio do tempo lembrado, já que “quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’,

aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos” (BACHELARD, 1978, p. 197). Assim, o espaço pode ser visto como um lugar de acolhimento, que de uma maneira ou de outra está repleto de lembranças e afetos, conforme se pode ver descrito na parte em que a família de Bento muda-se do Espírito Santo, “cidade que a havia acolhido em sua chegada de Lisboa (FERREIRA, 1993, p. 26), para Vila de Salvador na Bahia de todos os santos.

Quando teve de fazer a confissão de suas culpas, Bento lembrara, perfeitamente, enquanto falava, como tudo houvera acontecido. Seu sobrinho Antonio Teixeira, cristão-novo como dona Leonor, viera passar uns dias com eles, nos fundos de um sobrado na ladeira do Pelourinho. (FERREIRA, 1993, p. 29)

Mais uma vez a relação com o espaço é tomada pelo traço da memória. Trata-se da parte em que Bento recorda a tradução de um trecho da Torá que ele havia feito para o tal sobrinho Antonio, e que mais tarde a respectiva tradução é colocada como índice de culpa em seu julgamento pela inquisição. Desse trecho também se pode observar, além do caráter violento e opressor da formação cultural do Brasil com a descrição de ações realizadas pelo chamado Tribunal do Santo Ofício, a imagem do sobrado que marca o início de uma tímida urbanização do nosso país.

Não só a arquitetura das casas aparece como demonstração da formação cultural das cidades, mas também a descrição do espaço a partir de um recorte culturalmente materialista, em que os bens materiais são colocados em destaque, como se pode analisar na seguinte passagem que narra as riquezas de Olinda:

E tantas igrejas despencando pelos outeiros, em meio às setenta e duas ruas da vila.

- A mais próspera de quantas já existiram na colônia.
- A mais formosa vila da capitania.
- Suas mulheres se vestem de veludos e sedas.

– As aldrabas das casas e as fechaduras das portas são de ouro
(FERREIRA, 1993, p. 34)

É possível ver a ideia de cidade grandiosa e abundante que se solidifica aqui pautada sob os critérios culturais dos habitantes. A forma de se vestir, os tipos de materiais utilizados nos adornos das casas, a figura da prosperidade, a quantidade considerada de ruas já existentes, tudo isso reflete o imaginário coletivo das diferentes bases em que as cidades estão fundadas. Ou seja, a modelagem estrutural, as relações econômicas, os costumes importados dos europeus, na verdade, é a pedra de toque para constituição daquilo que se conhece como forças civilizadoras.

A título de exemplo, há um momento em que o narrador chega a comparar a cidade de Olinda com as tão mal vistas Sodoma e Gomorra ao se referir à resistência de Bento em levar Filipa para lá: “Havia ali uma atmosfera de pecado que o incomodava. Sodoma e Gomorra.” (FERREIRA, 1993, p. 42). Assim, a narrativa deixa transparecer de forma mais evidente, ainda, a constituição da cidade atrelada ao caráter de seus habitantes. De forma mais detalhada é o que, também, pode ser visto na página seguinte: “As setenta e duas ruas de Olinda – a mais bela vila da capitania, a mais bela da colônia inteira – abrigava homens dissolutos e mulheres devassas por detrás daquelas portas com aldrabas de prata e fechaduras de ouro” (FERREIRA, 1993, p. 43).

Seguindo o trajeto percorrido pelas personagens, a próxima parada de Bento Teixeira e Filipa Raposa é a vila de Igarassu. Desde o princípio, no capítulo V, a narrativa mais uma vez toma dimensões descritivas que envolve a edificação do espaço, mas o mais curioso nessa passagem é a forma como se dá a “personificação” de determinadas estruturas que pertencem a esse espaço revelado pelas características arquitetônicas que demonstram, claramente, a organização da vila frente às relações de poder, tal como, a impressão de saudação entre duas igrejas, estrategicamente, posicionadas no topo de uma colina:

A vila era constituída por uma fileira de casas serpenteando ao pé da colina. Já de longe, antes que Bento o notasse, Felipa divisara as marcas da autoridade. Recortando-se entre os coqueiros, a cadeia, um belo edifício de dois andares, e

as quatro igrejas, duas delas no alto, construídas uma no ângulo da outra, como se saudando. (FERREIRA, 1993, p. 45)

Ora, nota-se, pela descrição, que a igreja exercia uma forte influência sob as decisões daquela vila, juntamente com a autoridade de segurança representada pela imagem da cadeia e os ricos, representados pelo belo edifício. A arquitetura e organização espacial da vila de Igarassu apresenta em poucos traços a dinâmica de vivência e relações sociais em seu estado mais germinal. Daí, pode-se pensar a relação entre o tradicional as transformações e as permanências de costumes e comportamentos mesmo diante da modernidade e da contemporaneidade. Permitindo, desse modo, um diálogo cultural marcado por fatos que agregam elementos do imaginário local como as tradições religiosas.

Um fato interessante neste capítulo é a marca da tradição religiosa de Igarassu com as personalidades dos santos gêmeos Cosme e Damião patronos de uma das igrejas mais antigas do país, a Igreja Matriz dos Santos Cosme e Damião construída no ano de 1535, reconstruída em 1654 e restaurada em 1950 considerada, até hoje, como um Patrimônio cultural brasileiro. Ou seja, para além de um espaço físico de exercício da fé cristã, trata-se de um monumento que guarda traços de nossa cultura e história. No romance, a fundação da dita igreja e consagração aos gêmeos estão diretamente relacionadas ao o surto de peste que ocorreu nos portos do Nordeste brasileiro, e que se alastrou para o norte e sudeste da colônia no início e meados do século XIV, tendo, segundo a tradição, os irmãos livrado Igarassu da peste.

Não só as manifestações culturais de raiz religiosa estão presentes em todo o romance, diga-se de passagem, já que o trajeto de Bento gira em torno dos efeitos de repressão e violência da inquisição frente as suas manifestações involuntárias da cultura judaica, mas ainda toda uma estrutura de política de povoamento e exploração da terra. Em maior evidência, vê-se táticas de monopólio da mão-de-obra escravocrata; relações econômicas portuárias; a localização estratégica de guerra dos portos ou até mesmo nomes de personalidades históricas que tiveram forte influência no processo de construção das primeiras estruturas civilizatórias e das futuras cidades em Pernambuco, como é o caso do militar Pero Lopes de Sousa, um fidalgo português donatário da

capitania de Itamaracá:

Dali a uns dias, Bento decidira ir a Itamaracá. Soubera pelo mesmo Antonio Madureira, que ali estivera havia pouco, que o capitão Pero Lopes tinha recebido do reino alguns livros: o navio Dom Manuel chegara recém, com carregamento de especiarias da Índia, e livros de Portugal. Deveria trazer, ademais, um grande lote de pedras de cantaria, de que necessitava Bento: aquelas que serviam de lastro para os navios que chegavam quase vazios, e deveriam voltar prenhes de açúcar e madeira. (FERREIRA, 1993, p. 123)

Sabe-se que por uma questão geográfica, a ilha de Itamaracá formada pelo Canal de Santa Cruz representava por si só um espaço de transações e rotas comerciais, fosse por terra fosse por água. Com efeito, a vila apresentava vantagens para as relações comerciais da colônia, como aponta o arqueólogo contemporâneo Josué Lopes dos Santos, tinha-se “um morro com vistas para a entrada da barra, por onde se poderia monitorar a movimentação de navios, um sólido sistema de defesa voltado para uma lógica marítima e, por fim, o porto em si.” (SANTOS, 2019, p. 113). O fragmento citado d’Os rios turvos, sem dúvidas, remonta tal expressão de “onipotência” do comércio construída a partir de um imaginário social de um país que se fez sob o estigma da exploração de bens naturais como mercadorias: o açúcar e a madeira.

Para finalizar a análise dos trajetos, tomemos como base a cidade que marca o fim de Bento na narrativa, as terras de João Paes, mais conhecida hoje como a cidade do Cabo de Santo Agostinho, cuja as primeiras povoações a chamava de Arraial do Cabo. Ao contrário das outras vilas, Olinda e Igarassu, o Cabo representava para Bento Teixeira, a princípio, um lugar de refúgio e de encontro com a paz tão desejada que recorrentemente aparece ao longo de toda a narrativa como símbolo de desejo do personagem. Além dos fatos religiosos que motivavam as constantes mudanças de Bento, havia também as motivações associadas à figura de Filipa Raposa:

Agora que se achava ali no cabo, em terras de João Paes, e que Filipa não via nem encontrava mais homens do que ele, Bento, o vigário e o velho Paes, e isso

mesmo quando iam em visita, agora que Filipa vivia só para suas poucas alunas, para ele e seus dois filhos, naquela casinha branca de portas e janelas azuis no alto de uma colina, agora somente é que se dava conta de quanto lhe aprazia ter escapado à ameaça dos outros homens, de seus olhares codiciosos sobre Filipa, e à língua viperina das pessoas todas de Olinda e Igarassu. (FERREIRA, 1993, p. 159)

Aos poucos, Bento e Filipa tornam-se partes dos espaços preenchidos de afetos que os tornam lugares por onde passaram, e isso faz com que, mais uma vez, as figuras do lugar que as personagens habitam sejam tomadas como uma espécie de caráter dos próprios indivíduos. Porém, a imagem pueril que pairava sob o arraial do Cabo logo se dilui com as ações ilógicas que levaram Bento Teixeira a matar a própria mulher e junto com ela a promessa de paz e vida tranquila. É na suposta “cidade” prometida que os atos de violência contra a mulher se revelam e apontam para as raízes do feminicídio estrutural. Por fim, o romance encerra as suas páginas com Bento Teixeira preso por um tempo nos cárceres das Escolas Gerais, em Lisboa, não pelo assassinato da mulher, mas sim por ter sido visto como cristão-novo, depois solto, “enquanto andava pelas ruas estreitas de Lisboa, que vez por outra lhe davam a impressão de estar em Olinda.” (FERREIRA, 1993, p. 209).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente, as reflexões capitadas ao longo da análise do corpus, mais do que apresentar possibilidades de leituras que marcam ações e relações significativas das nossas cidades e suas relações fundadoras, proporcionam um perfil de texto bastante profícuo de atuação dos campos interdisciplinares, já que tem-se ao longo da análise um amplo modo de observação e interseção com outras áreas do conhecimento, como a história, sociologia, estudos urbanísticos, arqueologia, antropologia ou até mesmo etnográficos. Porém, o texto literário, pelo seu caráter figurativo, nada mais é do que o leque de oportunidades para um pensamento mais crítico e reflexivo sobre as nossas atuações em meio aos espaços e lugares que nos cercam, pois trazem em seu cunho o valor de marca subjetiva e afetiva com seus leitores. Seja voltando no passado seja

prevendo um futuro, a questão do tempo se coloca em um segundo plano quando o objetivo maior é a concentração nas formas de expressão de cada língua, ou seja, a maneira como o homem interage com a sua memória através de uma linguagem figurada. Portanto, o romance “Os rios turvos”, de Luzilá Gonçalves, mostra-se como uma ferramenta de guardar memória onde se tem arquivado, inevitavelmente, aspectos e figuras culturais pertencentes ao nosso imaginário coletivo social, como no caso das origens fundadoras de nossas cidades.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Os rios turvos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROMERO, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SANTOS, Josué Lopes. As características locacionais da Zona Portuária da Ilha de Itamaracá (PE) colonial pelo olhar dos cronistas e viajantes. **Navigator**: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, v. 15, nº 30, p. 112-123 – 2019. Disponível em: https://www.revistanavigator.com.br/navig30/art/N30_art1.pdf. Acesso em: 21 out. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.